

# DEUTSCHES REQUIEM: O TESTEMUNHO AUTOBIOGRÁFICO-FICCIONAL SOB A PERSPECTIVA DISCURSIVA

DEUTSCHES REQUIEM: AUTOBIOGRAPHICAL-FICTION  
TESTIMONY FROM THE DISCURSIVE PERSPECTIVE

DEUTSCHES REQUIEM: EL TESTIMONIO  
AUTOBIOGRÁFICO-FICCIONAL SOBRE LA PERSPECTIVA  
DISCURSIVA

Milena Alves Borba \*  
André Nogueira Alves\*\*

## RESUMO

O presente trabalho indaga o modo discursivo de justificação de Otto Dietrich zur Linde, personagem do conto *Deutsches Requiem* (2009), de Jorge Luis Borges. Evidenciando-se a manifestação de diferentes posições a partir da concepção do atravessamento do outro no discurso, fato que possibilita uma resignificação que dá sentido à sua justificação e a constituição de sua identidade, pois não há identidade sem sujeito e nem sujeito sem discurso. A análise está balizada pelos construtos da Análise Francesa de Discurso, notadamente pelos estudos de Pêcheux (2002) em diálogo com os estudos de Foucault (1996) e de Authier-Revuz (1990). Por meio da análise do discurso de zur Linde, percebeu-se que a constituição de um indivíduo em sujeito está diretamente ligada à questão do sentido. Notando-se que este processo não se dá de maneira uniforme, sem desvios ou contradições; pelo contrário, o tornar sujeito é um percurso constitutivamente falho, disperso, um caminho aberto ao equívoco.

**Palavras-chave:** Deutsches Requiem. Jorge Luis Borges. Análise do Discurso. Literatura. Sujeito.

## ABSTRACT

The present work investigates the discursive way of the justification of Otto Dietrich zur Linde, a character from the story *Deutsches Requiem* (2009), by Jorge Luis Borges. The manifestation of different positions is evidenced from the conception of the crossing of the other in the discourse, a fact that allows a resignification that gives meaning to its justification and to the constitution of its identity, since there is no identity without subject or subject without discourse. The analysis is validated by the constructs of the French Discourse Analysis, most notably by the studies of Pêcheux (2002) in dialogue with the studies of Foucault (1996) and Authier-Revuz (1990). Through the analysis of zur Linde's discourse, it was noted that the constitution of an individual in a subject is directly related to the question of meaning. Noting that this process does not develop in a uniform manner, without deviations or contradictions; on the contrary, becoming a subject is a constitutively defective, scattered path, a path open to misunderstanding.

**Keywords:** Deutsches Requiem. Jorge Luis Borges. Analysis of Discourse. Literature. Subject.

## RESUMEN

El presente trabajo investiga la manera discursiva de la justificación de Otto Dietrich zur Linde, personaje del cuento *Deutsches Requiem* (2009), de Jorge Luis Borges. Evidenciase la manifestación de posiciones distintas a partir de la concepción del atravesamiento del otro en el discurso, hecho que permite una resignificación que da sentido a su justificación y a la constitución de su identidad, pues no hay identidad sin sujeto ni sujeto sin discurso. El análisis está validase por los constructos del Análisis del discurso francés, más notablemente por los estudios de Pêcheux (2002) en diálogo con los estudios de Foucault (1996) y Authier-Revuz (1990). A través del análisis del discurso de zur Linde, se notó que la constitución de un individuo en un sujeto está directamente relacionada a la cuestión del significado. Observando que este proceso no se desarrolla de manera uniforme, sin desviaciones o contradicciones; al contrario, convertirse en sujeto es un camino constitutivamente defectuoso, disperso, un camino abierto al equívoco.

**Palabras-clave:** Deutsches Requiem. Jorge Luis Borges. Análisis del Discurso. Literatura. Sujeto.

\*Mestre em Letras na Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Especialista em Língua Portuguesa e Literatura em Contexto Escolar pela Universidade Paulista. Graduada em Letras - Português/Espanhol e Respectivas Literaturas pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professora de língua espanhola da Rede Municipal de Pelotas/RS.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-1368-2923>

E-mail: [mileborba@gmail.com](mailto:mileborba@gmail.com)

\*\*Doutor em Letras pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre em Letras pela Universidade Católica de Pelotas (UCPEL). Graduado em Licenciatura Plena em Português/Francês pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Professor efetivo de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-rio-grandense (IFSUL). Participa do GEDES - Grupo de Estudos da Diversidade, Educação e Sexualidade; do NUGED - Núcleo de Gênero e Diversidade do IFSul - Pelotas; e, do GPLANN - Grupo Pesquisa em Linguística Aplicada e Análise de Narrativas.

Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-8088-164X>

E-mail: [cpead.andre@gmail.com](mailto:cpead.andre@gmail.com)

## 1 INTRODUÇÃO

O presente estudo utiliza-se da Análise do Discurso, de filiação pêcheuxtiana, tendo como *corpus* o conto objeto de *Deutsches Requiem* (2009), de Jorge Luis Borges, a partir dos pressupostos de sujeito, discurso e ideologia. Essa orientação teórica defende a tese de que a linguagem possui uma relação com a exterioridade, aí entendidas as condições de produção do discurso que, junto com a memória do dizer intervêm materialmente na formação das discursividades; ou seja, as condições de produção circunstanciais e sócio-históricas de um dado discurso constituem a forma do que é dito e o seu sentido. Com base nessa relação da linguagem com a exterioridade, a Análise do Discurso (AD) concebe a linguagem em funcionamento como trabalho simbólico, pois “tomar a palavra é um ato social com todas as suas implicações, conflitos, reconhecimentos, relações de poder, constituição de identidade etc” (ORLANDI, 1998, p. 17). Esses preceitos baseiam a análise dos enunciados proferidos por Otto Dietrich zur Linde, personagem do conto *Deutsches Requiem*, de Jorge Luis (2009). A análise observa a construção do seu discurso para tentar revelar a sua identidade como uma construção social, histórica e discursiva, como uma “celebração móvel” (HALL, 2006, p. 12), formada e transformada continuamente em relação às formas como os sujeitos são representados e/ou interpelados pela ideologia. Isto implica compreender que o sujeito possui múltiplas identidades: identidades contraditórias, que se cruzam e se deslocam mutuamente. Desse modo, a identidade muda, dependendo da forma de como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Nesse contexto, somos confrontados com uma gama de diferentes identidades, cada qual fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós, dentre as quais parece possível fazer uma escolha (HALL, 2006, p. 75). As identidades se constituem, ainda, como resultado de uma relação de força entre as representações impostas pelos que detêm o poder de classificar e de nomear a definição, de aceitação ou de resistência, que cada comunidade produz de si mesma (CHARTIER, 1991, p.183).

Os Estudos Culturais assim como a Análise do Discurso encaram o sujeito numa mesma perspectiva, tratando-o não na esfera do individual, como um ser empírico, mas como um ser social, um “ser do discurso”, constitutivamente disperso, fragmentado, múltiplo, assim como suas identidades. Não há identidade sem sujeito e também não existe sujeito sem discurso (HALL, 2001; ORLANDI, 2003). Estamos falando, também, de um sujeito polifônico, que se constrói na e pela linguagem, e, portanto, de um processo identitário que se constitui num jogo polifônico, no qual múltiplas vozes e dizeres interpelam, sustentam e/ou fraturam as identidades (MIRELES, 2012 apud SILVA; MARTINS, 2019, p. 1).

Sendo assim, o sujeito não está na origem dos seus dizeres, porque não há o sentido original, os sentidos são históricos; logo, são sempre atravessados por outras vozes que os constituem. Temos um sujeito que constrói sua identidade num movimento social, descontínuo, marcado por rupturas, fragmentações e deslocamentos. Um sujeito fragmentado e polifônico interpelado por uma pluralidade de centros de poder, por diferentes formações discursivas, diferentes vozes. É neste gesto de leitura, portanto, que se configura este trabalho, que se constrói da seguinte maneira: inicialmente será feito uma breve introdução a alguns pressupostos teóricos que serviram para uma melhor compreensão da nossa análise.

Em seguida será realizada a análise de enunciados de zur Linde, fazendo uma apresentação da diegese do conto borgeano. Logo, a arquitetura do mesmo será dividida em diferentes cerne justificativos que fazem parte da grande justificativa do seu discurso e posteriormente serão apresentadas as considerações finais.

## 2 ALGUNS PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

Para a AD o sujeito é atravessado tanto pela ideologia quanto pelo inconsciente, o que produz não mais um sujeito uno, o sujeito é dividido, não há unidade e sim pluralidade. A sua constituição é atravessada por diversos fatores externos,

o sujeito do discurso não é autor desse discurso, mas alimenta o equívoco de sê-lo. O sujeito fala atravessado pelo discurso do Outro/Sujeito. A linguagem está nesse campo do Outro/Sujeito, considerada como algo do *sempre-já-lá*, precedente ao sujeito e não inerente à natureza humana, externa a todo sujeito falante (GADET; HAK, 1997 apud FERRAZ, 2018, [n.p]).

Essas questões apontam para o fato de que, na constituição do sujeito do discurso, intervêm dois aspectos: primeiro, o sujeito é social, interpelado pela ideologia, mas se acredita livre, individual e, segundo, o sujeito é dotado de inconsciente, contudo acredita estar o tempo todo consciente. Afetado por esses aspectos e assim constituído, o sujeito (re)produz o seu discurso (INDURSKY, 1997, p. 24).

Conforme Pêcheux (1988), na memória discursiva atuam dois tipos de esquecimentos: o primeiro é aquele em que o sujeito se coloca como origem de tudo o que diz. Esse esquecimento é de natureza inconsciente e ideológica: o sujeito procura rejeitar, apagar, de modo inconsciente, tudo o que não está inserido na sua formação discursiva, o que lhe dá a “ilusão de estar na fonte de sentido” (PÊCHEUX, 1993, p. 169). O segundo esquecimento, conforme o autor, seria de caráter pré-consciente ou semiconsciente, o sujeito privilegia algumas formas e “apaga” outras, no momento em que seleciona determinados dizeres em detrimento de outros. Com este último, o sujeito tem a ilusão de que o que diz tem apenas um significado. Ele acredita que todo interlocutor captará suas intenções e suas mensagens da mesma forma. Os outros do discurso que determinam seu dizer não são percebidos pelo sujeito, assim como ele não pode ter controle total sobre os efeitos de sentido que seu dizer provoca.

Nesse processo dialógico com o mundo, o sujeito é constituído, ao mesmo tempo em que constrói a realidade em que está inserido. Através do discurso, o sujeito se constitui como construtor de uma realidade, modificando-a e é modificada por ela, compondo uma sociedade que é reflexo desses discursos.

O sujeito, por sua vez, ao dizer, se significa e significa o próprio mundo. Nessa perspectiva é que consideramos que a linguagem é uma prática. Não no sentido de realizar atos, mas, porque pratica sentido, ação simbólica que intervém no real. Prática, enfim, a significação do mundo. O sentido é história e o sujeito se faz (se significa) na historicidade em que está inscrito (ORLANDI, 2001, p. 44).

Importa salientar que uma vez sendo a vida transitória e construída a cada momento, o papel constitutivo do sujeito altera-se, modifica-se, essa transitoriedade lembra o indivíduo de ser o mesmo instrumento do ato comunicacional, não o centro da comunicação. Essa certeza é causa de sentimentos contraditórios, angústias.

[...] inquietação diante do que é o discurso em sua realidade material de coisa pronunciada ou escrita; inquietação diante dessa existência transitória destinada a se apagar sem dúvida, mas segundo uma duração que não nos pertence; inquietação de sentir sob essa atividade, todavia cotidiana e cinzenta, poderes e perigos que mal se imagina; inquietação de supor lutas, vitórias, ferimentos, dominações, servidões, através de tantas palavras cujo uso há tanto tempo reduziu as asperidades. Supõe que em toda sociedade, a produção no discurso é ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que tem por função conjurar seus poderes e perigos, dominarem seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade (FOUCAULT, 1996, p. 08- 09).

Sendo o discurso uma materialização das ideologias, muitas vezes o indivíduo utiliza-o para mascarar uma realidade, suplantar verdades, garantir posições, o discurso representa interesses de classe, servindo, muitas vezes, como ferramenta de dominação. O discurso simboliza poder. Saber utilizar o discurso significa, também, saber controlar pessoas, e direcionar a história.

Se o discurso verdadeiro não é mais, com efeito, desde os gregos, aquele que exerce o poder, na vontade de verdade, na vontade de dizer esse discurso verdadeiro, o que esta em jogo, senão o desejo do poder? O discurso verdadeiro, a que a necessidade de sua forma liberta do desejo e libera do poder, não pode reconhecer a vontade de verdade, essa que se impõe a nós há bastante tempo, é tal que a verdadeira que ela quer não pode deixar de mascarar-la (FOUCAULT, 1996, p. 20).

Sendo o discurso uma materialização das ideologias, muitas vezes o indivíduo utiliza-o para mascarar uma realidade, suplantar verdades, garantir posições, o discurso representa interesses de classe, servindo, muitas vezes, como ferramenta de dominação. O discurso simboliza poder. Saber utilizar o discurso significa, também, saber controlar pessoas, e direcionar a história.

Jacqueline Authier-Revuz (1990), apoiando-se nas teorias psicanalíticas de descentramento do sujeito e no conceito de dialogismo em Bakhtin, analisa os processos enunciativos sob uma perspectiva que enfoca a presença do *Outro/outro*<sup>1</sup>, assim traz as noções de heterogeneidade constitutiva e heterogeneidade mostrada, a primeira é aquela em que o outro constitui o um, o sujeito, e que este sujeito nem sabe quem é.

<sup>1</sup> Na perspectiva teórica assumida por Authier-Revuz, o Outro se refere ao inconsciente da teoria laciana, enquanto o outro corresponde ao interlocutor.

São todos que passaram pela sua vida, é tudo o que leu, estudou. Em seu enunciado cruzam-se os dizeres de outros; a segunda: mostrada é a manifestação explícita de diferentes vozes: o sujeito, no momento em que fala, escreve, traz para o seu dizer alguns outros que o constituem; marcando, assim, distância entre ele e outros que ele seleciona de acordo com seus interesses. Tanto a mostrada como a constitutiva estão presentes no discurso, e não acidentalmente, mas sempre, como própria condição para que o discurso exista.

A partir dos pressupostos arrolados, este trabalho visa enveredar-se na observação da construção discursiva da justificativa de Otto Dietrich zur Linde, personagem do conto objeto. Interessa explorar como zur Linde arquiteta a justificativa de suas atrocidades cometidas, em que se evidenciam as diferentes posições que atravessam o seu discurso, a sua identidade de classe e construção identitária.

### 3 ANÁLISE

*Deutsches Requiem* contextualizado no final da segunda guerra é o relato de Otto Dietrich zur Linde, um oficial nazista e diretor do campo de concentração de Tarnowitz, que prestes a sua execução, pela acusação de torturador e assassino, rememora, com o intuito de ser compreendido, os acontecimentos da sua vida e as leituras que o levaram a construir a sua identidade ideológica, entrando no partido Nazista, celebrando a guerra e torturando o poeta judeu David Jerusalém. Até chegar à conclusão que a derrota da Alemanha foi necessária, segundo a lei da causalidade, de Schopenhauer, que transpõe para o ideário messiânico nazista. Dado que, conforme suas conjecturas, a derrocada da Alemanha serviu para que se instaure uma era de violência contra a cosmovisão judaico-cristã.

### 4 ARQUITETURA DO DISCURSO DE ZUR LINDE: SER COMPREENDIDO

O discurso de zur Linde pode ser entendido como um alegado que parte do seu inconsciente sobre a necessidade de se justificar, uma vez que ele se considera inocente, não deveria sentir a vontade de justificar-se para ser compreendido. Mas a personagem borgeana justifica-se para aquelas vozes que o chamam de o “abominável”, vozes que o condenam; para isso ele começa o discurso falando dos seus ancestrais guerreiros, mas ele é deslocado desta genealogia, posto que, embora tenha seguido esses passos, foi condenado por assassino e torturador.

Em nota de rodapé aparece uma explicação do editor: “É significativa a omissão do ancestral mais ilustre do narrador, o teólogo e hebraísta Johannes Forkel (1799-1846), que aplicou a dialética de Hegel à cristologia [...]” (BORGES, 2009, p. 93, tradução nossa)<sup>2</sup>. zur Linde é interpelado pela ideologia do seu antepassado mais ilustre e, por meio desse, é clivado pela dialética hegeliana, mas o leitor só fica sabendo de tal omissão significativa graças à nota de rodapé do editor. Em seu discurso, o nazista aplica a dialética hegeliana, uma vez que sabe que há diferentes pontos de vista sobre o holocausto e ele pretende estabelecer a verdade através de argumentos fundamentados e não simplesmente vencer um debate ou persuadir seus opositores; outro motivo de tal omissão pode ser para negar qualquer tipo de relação com o cristianismo e judaísmo. Visto isso, e de acordo com Pêcheux (1988), zur Linde tem a ilusão não só de estar na fonte do sentido (ilusão-esquecimento nº 1), como também de ser dono de sua enunciação, capaz de dominar as estratégias discursivas para dizer o que quer (ilusão-esquecimento nº 2). Ilusão porque, na verdade, os sentidos que produzimos não nascem em nós, ou seja, nós apenas os retomamos do interdiscurso.

O criminoso nazista começa admitindo que o tribunal agiu com retidão e que desde o começo ele se declarou culpado. No entanto, ele irá garantir que não pretende ser perdoado, uma vez que afirma que “[...] não há culpa em mim, mas quero ser compreendido. Os que souberem ouvir-me compreenderão a história da Alemanha e a futura história do mundo.” (BORGES, 2009, p. 94, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Em seu discurso, zur Linde tem a ilusão de que o que diz tem apenas um significado, seu significado. Ele acredita que seus interlocutores captaram suas intenções e suas mensagens da mesma forma que as transmite e isto lhe propiciara, por parte dos outros, a compreensão das suas ações. Ele se considera um símbolo; “Amanhã morrerei, mas sou um símbolo das gerações vindouras” (BORGES, 2009, p. 94, tradução nossa)<sup>4</sup>, assim, ele dá as coordenadas para a construção simbólica do seu discurso, o material onde se realizam os efeitos de sentido, e que estabelecem as evidências da sua constituição de sujeito ideológico.

## 5 EU, O ABOMINÁVEL, TAMBÉM ME DETIVE AQUI

zur Linde manifesta não somente uma alta formação intelectual por meio das suas afeição às leituras de Goethe, Nietzsche, Spengler e Schopenhauer, mas também, manifesta uma particular sensibilidade estética para com Brahms e Shakespeare. Logo articula uma frase que resulta um desafio para qualquer interlocutor: “Saiba quem se deteve maravilhado, trêmulo de ternura e gratidão, ante qualquer parte da obra desses felizes, que eu também me detive aí, eu o abominável” (BORGES, 2009, p. 95, tradução nossa)<sup>5</sup>. Assim, ele utiliza seu discurso com a intenção de mostrar que ele não é tão diferente, pois certamente muitos se identificaram com os mesmos gostos literários e musicais dele, um criminoso nazista. Dessa maneira, utiliza o discurso, direcionando a história. Como aponta Foucault (1996, p. 10-11):

O discurso – como a psicanálise nos mostrou – não é simplesmente aquilo que se manifesta (ou oculta) o desejo; é também aquilo que é o objeto do desejo; é visto que isto a história não cessa de nos ensinar – o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, poder do qual queremos nos apoderar, permitir a transubstanciação e fazer do pão um corpo.

## 6 EU TAMBÉM SOU RELIGIOSO, MINHA RELIGIÃO É O NAZISMO

Pouco direi de meus anos de aprendizagem. Foram mais duros para mim que para muitos outros, já que, apesar de não carecer de valor, me falta qualquer vocação para a violência. Compreendi, entretanto, que estávamos à beira de um tempo novo e que esse tempo, comparável às épocas iniciais do Islamismo ou do Cristianismo, exigia homens novos. Individualmente, meus camaradas me eram odiosos; em vão, procurei raciocinar que, para o alto fim que nos congregava, não éramos indivíduos (BORGES, 2009, p. 96, tradução nossa)<sup>6</sup>.

Há, no trecho citado acima, do discurso de zur Linde, uma vinculação com as cartas e a história de Paulo, como aparece no novo testamento, já que a oposição entre homem velho e homem novo aparece nas epístolas paulinas<sup>7</sup>. Para ele, o nazismo é um fato moral: “O nazismo, intrinsecamente, é um fato moral, um despojar-se do velho homem, que está viciado, para vestir o novo” (BORGES, 2009, p. 98, tradução nossa)<sup>8</sup>; uma renovação nova e absoluta de ideias e valores, comparáveis aos tempos iniciais do cristianismo, que se representa pela própria recuperação do discurso ao qual se quer opor. De fato, o nazismo se propõe como outra religião, oposta, mas comparável à religião cristã.

<sup>6</sup> No original: “Poco diré de mis años de aprendizaje. Fueron más duros para mí que para muchos otros ya que a pesar de no carecer de valor, me falta toda vocación de violencia. Comprendí, sin embargo, que estábamos al borde de un tiempo nuevo y que ese tiempo, comparable a las épocas iniciales del Islam o del Cristianismo, exigía hombres nuevos. Individualmente, mis camaradas me eran odiosos; en vano procuré razonar que para el alto fin que nos congregaba, no éramos individuos” (BORGES, 2009, p. 98).

<sup>7</sup> Cf. Efésios 4, 22-24.

<sup>8</sup> No original: “El nazismo, intrínsecamente, es un hecho moral, un despojarse del viejo hombre, que está viciado, para vestir el nuevo” (BORGES, 2009, p. 98).

O nazista fala dos seus “anos de aprendizagem”, em termos religiosos: “vocaçãõ”, “tempo novo”, “alto fim que nos congregava”.

zur Linde continua:

Por fim, pensei entender. Morrer por uma religiãõ é mais simples que vivê-la com plenitude; lutar em Éfeso contra as feras é menos duro (milhares de mártires obscuros o fizeram) que ser Paulo, servo de Jesus Cristo; um ato é menos que todas as horas de um homem. A batalha e a glória são facilidades; mais árdua que a açãõ de Napoleãõ foi a de Raskolnikov. Em 7 de fevereiro de 1941, fui nomeado subdiretor do campo de concentraçãõ de Tarnowitz (BORGES, 2009, p. 98, traduçãõ nossa)<sup>9</sup>.

Ou seja, é mais fácil ser mártir do que ser Paulo, servo de Jesus Cristo. Um só ato é mais fácil do que todas as horas de um homem, ou seja, é mais fácil a batalha e a glória do que ser subdiretor do campo de concentraçãõ. Desse modo, por meio da sua retórica equipara o trabalho de dirigir um campo de concentraçãõ ao trabalho servil de Paulo. zur Linde consagra-se na religiãõ nazista indo ao campo desconcentraçãõ, que para ele significava uma forma de ser fiel a sua crença. No transcurso da sua atividade no campo, deve enfrentar e vencer a tentaçãõ: “a piedade pelo homem superior é o último pecado de Zaratustra. Quase o cometi (confesso) quando nos mandaram de Breslau o insigne poeta David Jerusalém” (BORGES, 2009, p. 98, traduçãõ nossa)<sup>10</sup>. zur Linde tinha muita admiraçãõ pelo poeta David Jerusalém, conhecia seus poemas de cor, mesmo assim o torturou até a sua perda de razão e morte. Contudo, justifica-se dizendo que destruiu David Jerusalém; foi para, assim, destruir a sua piedade, ato que para ele foi “impecável”.

Nessa parte do monólogo de zur Linde, é apresentada uma nota de rodapé do editor que nega a existênciã de David Jerusalém, e propõe a representaçãõ do judeu como símbolo dos vários intelectuais judeus que foram torturados por Linde. A nota de rodapé resulta em uma segunda voz que questiona à primeira, obstruindo certos efeitos de sentido que seriam produzidos pelo discurso nazista caso não fossem editados, deixando a instância enunciativa mais complexa por meio da reflexãõ metatextual. Desestabilizando o estatuto do discurso de zur Linde, pois, enquanto o editor demarca omissões e aponta certos dados como falsos, o discurso de Linde resulta pouco confiável.

## 7 JUSTIFICAR-SE NÃO É NECESSÁRIO, MAS SIM UM DEVER SUPERIOR

Para fundamentar a sua justificativa, zur Linde começa com uma referênciã à teologia, introduzindo sua fala com dizeres próprios do discurso religioso cristão:

Asseveram os teólogos que se a atençãõ do Senhor se desviasse um só segundo de minha mão direita que escreve, esta recairia no nada, como se a fulminasse um fogo sem luz. Ninguém pode ser, digo eu, ninguém pode provar uma taça com água ou partir um pedaço de pão sem justificativa (BORGES, 2009, p. 96, traduçãõ nossa)<sup>11</sup>.

<sup>9</sup> No original: “Al fin creí entender. Morir por una religi3n es más simple que vivirla con plenitud; batallar en Éfeso contra las fieras es menos duro (miles de mártires lo hicieron) que ser Pablo, siervo de Jesucristo; un acto es menos que todas las horas de un hombre. La batalla y la gloria son facilidades; más ardua que la empresa de Napole3n fue la de Raskolnikov. El siete de febrero de 1941 fui nombrado subdirector del campo de concentraci3n de Tarnowitz” (BORGES, 2009, p. 98).

<sup>10</sup> No original: “la piedad por el hombre superior es el último pecado de Zaratustra. Casi lo cometí (lo confieso) cuando nos remitieron de Breslau al insigne poeta David Jerusalem” (BORGES, 2009, p. 98).

<sup>11</sup> No original: “Aseveran los teólogos que si la atención del Señor se desviara un solo segundo de mi derecha mano que escribe, ésta recaerá en la nada, como si la fulminara un fuego sin luz. Nadie puede ser, digo yo, nadie puede probar una copa de agua o partir un trozo de pan, sin justificaci3n” (BORGES, 2009, p. 96).

## 8 TUDO É COMO TEM QUE SER: NÚCLEO DA SUA JUSTIFICATIVA

Para o nazista, justificar-se representa tornar sagrada sua ação. Mediante sua justificação, ele consegue o aval divino do Senhor. Assim, outorga sentido aos acontecimentos que constroem os fatos e à sua inserção neles. E ainda esperava que a sua fé fosse testada por meio da guerra: [...] eu esperava a guerra inexorável que iria provar nossa fé. Bastava-me saber que eu seria um soldado de suas batalhas (BORGES, 2009, p. 96, tradução nossa)<sup>12</sup>

Através do seu discurso, zur Linde constitui-se como construtor de uma realidade, ele ressignifica um discurso que concede sentido à História e ao Partido Nazista.

O acaso, ou o destino, teceu de outra maneira meu futuro: em 1º de março de 1939, ao escurecer, houve distúrbios em Tilsit que os jornais não registraram; na rua detrás da sinagoga, duas balas me atravessaram a perna, que foi necessário amputar. Dias depois, entravam na Boêmia nossos exércitos; quando as sirenas o anunciaram, eu estava no sedentário hospital, tratando de perder-me e esquecer-me nos livros de Schopenhauer. Símbolo de meu vão destino, dormia no rebordo da janela um gato enorme e fofo (BORGES, 2009, p. 97, tradução nossa)<sup>13</sup>.

Embora ele quisesse ser um soldado de guerra, fica impedido pela amputação da perna. Enquanto se encontrava no “sedentário hospital”, compara-se a um gato enorme e fofo, um ser sem destino e estático. Mas, mediante a leitura de Schopenhauer (BORGES, 2009, p. 97), compreende que todos os fatos que lhe acontecem são prefixados por ele mesmo. A partir deste momento, ele constrói outra justificativa, que lhe serve como consolo particular para articular seu destino: “Não há consolo mais hábil que o pensamento de que escolhemos nossas desgraças; essa teleologia individual nos revela uma ordem secreta e prodigiosamente nos confunde com a divindade” (BORGES, 2009, p. 97, tradução nossa)<sup>14</sup>. Dessa maneira, afasta-se da teologia inicial cristã para recair numa teologia individual. Isto relembra que o sujeito se altera, modifica-se, pela transitoriedade da vida que é construída a cada momento e essa transitoriedade lembra o indivíduo de ser o mesmo instrumento do ato comunicacional, não o centro da comunicação. Essa certeza é a causa de sentimentos contraditórios, angústias sentidas, neste caso, pelo nazista.

## 9 A EXPLICAÇÃO: PLATÃO E ARISTÓTELES

Próximo ao final do relato de zur Linde, embora já se tenha analisado variadas justificações, o nazista ensaia outras para justificar não somente seus atos, mas também para justificar a derrota da Alemanha perante o avance aliado.

Ensaiei diversas explicações; não me bastou nenhuma. Pensei: a derrota me satisfaz porque secretamente sei que sou culpado e só o castigo pode redimir-me. Pensei: a derrota me satisfaz porque é um fim e estou muito cansado. Pensei: a derrota me satisfaz porque ocorreu, porque está inumeravelmente unida a todos os fatos que são, que foram, que serão, porque censurar ou deplorar um único fato real é blasfemar contra o universo. Essas razões ensaiei, até dar com a verdadeira (BORGES, 2009, p. 103, tradução nossa)<sup>15</sup>.

<sup>12</sup>No original “[...] yo esperaba la guerra inexorable que probaría nuestra fe. Me saber que yo sería un soldado de sus batallas” (BORGES, 2009, p. 97).

<sup>13</sup>No original: “El azar o el destino, tejó de otra manera mi porvenir: el primero de marzo de 1939, al oscurecer, hubo disturbios en Tilsit que los diarios no registraron; en la calle detrás de la sinagoga, dos balas me atravesaron la pierna, que fue necesario amputar. Días después, entraban en Bohemia nuestros ejércitos; cuando las sirenas lo proclamaron, yo estaba en el sedentário hospital, tratando de perderme y olvidarme en los libros de Schopenhauer. Símbolo de mi vano destino, dormía en el rebordo de la ventana un gato enorme y fofo” (BORGES, 2009, p. 97).

<sup>14</sup>No original: “No hay consuelo más hábil que el pensamiento de que hemos elegido nuestras desdichas; esa teología individual nos revela un orden secreto y prodigiosamente nos confunde con la divinidad” (BORGES, 2009, p. 97).

<sup>15</sup>No original: “Ensayé diversas explicaciones; no me bastó ninguna. Pensé: Me satisface la derrota, porque secretamente me sé culpable y sólo puede redimirme el castigo. Pensé: Me satisface la derrota, porque es un fin y yo estoy muy cansado. Pensé: Me satisface la derrota, porque ha ocurrido, porque está innumeravelmente unida a todos los hechos que son, que fueron, que serán, porque censurar o deplorar un solo hecho real es blasfemar del universo. Esas razones ensayé, hasta dar con la verdadera” (BORGES, 2009, p. 103).



No trecho acima, embora zur Linde antecipe por meio de uma frase conclusiva: “Ensaiei diversas explicações; não me bastou nenhuma”, vê-se uma contradição, pois, ele afirma que secretamente sabe que é culpado e anteriormente já tinha declarado que não há culpa nele, evidenciando um *furo* da ideologia<sup>16</sup>. Por outro lado, Linde admite que está cansado e que, por isso, aceita a derrota, mas este ideal não lhe serve, pois um verdadeiro guerreiro jamais se cansa de uma luta, e também isso não justificaria de maneira vitoriosa a derrota da Alemanha nazista. Por último, ele retoma a concepção de Schopenhauer segundo a qual “todos os fatos que podem ocorrer a um homem, desde o instante de seu nascimento até o de sua morte, foram prefixados por ele” (BORGES, 2009, p. 97)<sup>17</sup> Mas isso também não justificaria de maneira vitoriosa a derrota do partido nem a sua eminente execução.

Finalmente, zur Linde dá como justificativa certa o fato de que “todos os homens nascem aristotélicos ou platônicos. Isso equivale a declarar que não há debate de caráter abstrato que não seja um momento da polêmica de Aristóteles e Platão” (BORGES, 2009, P. 102), assim, para zur Linde, cada passo dado, cada ação acometida são momentos prefixados pela polêmica desses dois eternos antagonistas. Assim, zur Linde coloca sua história como um elo da História, significando-a como necessária.

Em certo momento do seu monólogo zur Linde, quando fala das obras das David Jerusalém, refere-se ao

solilóquio Rosenkrantz Fala com o Anjo, no qual um prestamista londrino do século XVI inutilmente trata, ao morrer, de vindicar suas culpas, sem suspeitar que a secreta justificativa de sua vida é ter inspirado a um de seus clientes (que o viu uma única vez e de quem não se lembra) o caráter de Shylock (BORGES, 2009, p. 99, tradução nossa)<sup>18</sup>.

Ou seja, existe uma secreta justificação que consiste em delegar a culpa a um outro, a culpa não está no ato acometido e sim em determinações insondáveis, que ultrapassam o ato, a justificação é metafísica. Linde declara que

[...] a história dos povos registra uma continuidade secreta. Armínio, quando decapitou num lamaçal as legiões de Varo, não se sabia precursor de um Império Alemão; Lutero, tradutor da Bíblia, não suspeitava que seu fim era forjar um povo que destruísse para sempre a Bíblia; Christoph zur Linde, morto por uma bala moscovita em 1758, preparou de algum modo as vitórias de 1914; Hitler acreditou lutar por um país, mas lutou por todos, até por aqueles que agrediu e detestou. Não importa que seu eu o ignorasse; sabiam-no seu sangue, sua vontade. O mundo morria de judaísmo e dessa enfermidade do judaísmo que é a fé em Jesus; nós lhe ensinamos a violência e a fé na espada. [...] Fecunda agora no mundo uma época implacável. Nós a forjamos (BORGES, 2009, p. 102; 103, tradução nossa)<sup>19</sup>.

Dessa maneira, zur Linde consegue uma justificativa que consagra em vitória os atos cometidos apesar da derrota da Alemanha nazista, pois “Fecunda agora no mundo uma época implacável. Nós a forjamos”, enquanto delega a responsabilidade das atrocidades acontecidas, a um além divino. Assim, os fatos de um homem dependem do seu lugar destinado na História, que abarcaria todas as causas e feitos da história de um homem. Ao longo de seu monólogo, a responsabilidades dos atos dilui-se por diversas e superpostas justificações, e se Linde responde por ele é por meio de uma eloquente e persuasiva enunciação: tudo é culpa dos desígnios dos Outros: Jesus, Deus, a dialética, a História etc.

<sup>19</sup> No original: “[...] la historia de los pueblos registra una continuidad secreta. Armínio, cuando degolló en una ciénaga las legiones de Varo, no se sabía precursor de un Imperio Alemán; Lutero, traductor de la Biblia, no sospechaba que su fin era forjar un pueblo que destruyera para siempre la Biblia; Christoph zur Linde, a quien mató una bala moscovita en 1758, preparó de algún modo las victorias de 1914; Hitler creyó luchar por un país, pero luchó por todos, aun por aquellos que agredió y detestó. No importa que su yo lo ignorara; lo sabían su sangre, su voluntad. El mundo se moría de judaísmo y de esa enfermedad del judaísmo, que es la fe de Jesús; nosotros le enseñamos la violencia y la fe de la espada. [...] Se cienne ahora sobre el mundo una época implacable. Nosotros la forjamos” (BORGES, 2009, p. 102; 103).

## 10 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se bem *Deutsches Réquiem* constitui um monólogo de um nazista, construído aparentemente por uma só voz narrativa, há no conto um cruzamento de distintas vozes que dinamizam a estória, por um lado têm-se as notas de rodapé do editor e, por outro, as distintas vozes que zur Linde se apropria e atuam como intertextos na estrutura narrativa e no discurso da personagem principal. Por meio da análise do seu discurso, percebeu-se que a constituição de um indivíduo em sujeito está diretamente ligado à questão do sentido. Esse processo não se constitui de maneira uniforme, há desvios ou contradições; o tornar-se sujeito é, assim, um percurso constitutivamente falho, disperso, um caminho aberto ao equívoco, o qual abre a possibilidade de um gesto interpretativo, constituindo o movimento deste artigo. Para o personagem Linde, a ideologia nazista, a qual estava assujeitado, funcionava como um mecanismo de evidenciação dos sentidos, representada em sua prática discursiva, ele precisava justificar as atrocidades acometidas e pintá-las como grandiosas. Pois esta é a razão de ser de Linde, seu partido, por isso o leitor tem que ser atento e captar as falhas do seu discurso, pois como em todo discurso político ele procura persuadir, neste caso se utiliza da sua história de maneira emotiva, da sua intelectualidade, da sua sensibilidade para com a arte, e dos seus conhecimentos metafísicos, assim cria com seus receptores uma ligação persuasiva com a mensagem emitida.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidades enunciativas. **Cadernos de Estudos Lingüísticos**, Campinas, nº 19, p. 25-27, 1990.

BORGES, Jorge Luis. *Deutsches Requiem*. In: \_\_\_\_\_. **El Aleph**. 1ª ed. 3ª reimp. – Buenos Aires: Alianza Editorial, 2009.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 5, n. 11, 1991.

FERRAZ, Marcel A. M. **O SUJEITO PARA A ANÁLISE DE DISCURSO (AD)**. FALA: Linguagem e Subjetividade. (2018). Disponível em: [https://www.pucsp.br/linguagemesubjetividade/coluna\\_fonoaudiologia\\_em\\_questao/2018/abril.html](https://www.pucsp.br/linguagemesubjetividade/coluna_fonoaudiologia_em_questao/2018/abril.html). Acesso em: 01 fev. 2019

FERREIRA, Maria C. L. Linguagem, Ideologia e Psicanálise. **Estudos da lingua(gem)**. Vitória da Conquista, n. 1. p. 69-75, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

INDURSKY, Freda. **A fala dos quartéis e as outras vozes**: uma análise do discurso presidencial da terceira república brasileira. Campinas: Editora da UNICAMP, 1997.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **A leitura e os leitores possíveis**. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.) *A Leitura e os Leitores*. Campinas: Pontes, 1998. p. 07-24.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 6ª ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. São Paulo: Pontes, 2003.

PÊCHEUX, Michel. **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 2<sup>a</sup> ed. Campinas: UNICAMP, 1993.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução de Eni P. Orlandi **et al.** Campinas: UNICAMP, 1988.

SILVA, Cintia Maria da; MARTINS, Marci. A mulher Tenetehára contemporânea: identidade étnica, gênero e movimentos sociais. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**. v.11, n. 1, p. 101-128, 2019.

**Artigo recebido em: 12 jan. 2021. | Artigo aprovado em: 03 dez. 2021.**